

A NÉVOA DA GUERRA ESTÁ SE DISSIPANDO NA UCRÂNIA

Por M. K. Bhadrakumar*



O então presidente dos EUA, Donald Trump, participa de reunião com o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, em 25 de setembro de 2019 em Nova York (Shealah Craighead/Casa Branca).

Pela primeira vez, há total clareza quanto ao alto risco de o conflito da Ucrânia se transformar em um confronto nuclear entre a Rússia e os países da OTAN.

Os alinhamentos do fim do jogo no conflito da Ucrânia estão surgindo como nunca antes. Se muito ainda permanece no reino da especulação, isso se deve em grande parte ao ponto de inflexão sobre o resultado da eleição presidencial dos Estados Unidos, que, apesar da propaganda orquestrada da mídia contra Donald Trump, está totalmente aberto.

Pela primeira vez, há total clareza quanto ao alto risco do conflito da Ucrânia se transformar em um confronto nuclear entre a Rússia e os países da OTAN. A ambiguidade estratégica está terminando com a revelação impressionante em Moscou dos contornos emergentes da doutrina nuclear atualizada da Rússia em uma reunião cuidadosamente coreografada da chamada [conferência permanente do Conselho de Segurança da Rússia sobre dissuasão nuclear](#) no Kremlin, presidida pelo presidente Vladimir Putin e cronometrada na véspera de uma reunião crucial entre o presidente ucraniano Vladimir Zelensky e o presidente dos EUA na Casa Branca em Washington.

O elemento mais crucial das revelações de Putin é que a Rússia redefiniu sua doutrina nuclear, segundo a qual, como ele disse, “A agressão contra a Rússia por

qualquer estado não nuclear... apoiado por uma potência nuclear (leia-se EUA, Reino Unido ou França) deve ser tratada como seu ataque conjunto”.

A implicação é que a paciência da Rússia acabou e o sofisma da OTAN de se isentar da responsabilidade pelos ataques em território russo da Ucrânia não vai mais funcionar.

Putin afirmou ainda que a transição da Rússia para o uso de armas nucleares pode até ter caráter preventivo. Simplificando, ataques profundos da Ucrânia em território russo e ataques à Bielorrússia agora desencadeariam uma resposta atômica.

A referência direta aos ataques de drones é significativa, pois a Ucrânia lançou repetidamente ataques em massa de UAV contra bases estratégicas russas.

O porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, reconheceu mais tarde que as declarações de Putin *“devem ser vistas como uma certa mensagem (para o Ocidente). Esta é uma mensagem que alerta esses países sobre as consequências caso participem de um ataque ao nosso país por vários meios, não necessariamente nucleares”.*

Peskov acrescentou o contexto mais amplo: *“Isso está relacionado à situação de segurança que está se desenvolvendo ao longo de nossas fronteiras... Requer ajustes nas bases da política estatal no campo da dissuasão nuclear.”*

O trabalho de atualização da doutrina nuclear russa está em andamento há vários meses. Putin o anunciou pela primeira vez em junho. Ele observou que isso se deve ao surgimento de novos elementos relacionados à *“redução do limite para o uso de armas nucleares”* por um *“provável inimigo”*.

Putin estava se referindo ao desenvolvimento de *“dispositivos nucleares explosivos de ultrabaixa potência”* pelos Estados Unidos no período recente e seus testes em um caça F-35A no deserto de Nevada. Claramente, a mudança na doutrina nuclear pela Rússia não pretende ser uma escalada imediata no conflito da Ucrânia.

O diário russo *Izvestia* [relatou recentemente](#) que, desde 2023, os EUA começaram a substituir bombas antigas em seus arsenais por novas B61-12, inclusive no continente europeu, que têm uma carga termonuclear com potência variável de até 50 kt, aumentando significativamente as capacidades nucleares americanas.

A nova bomba se tornou altamente precisa – ela é equipada com um sistema de controle com subsistemas inerciais e de satélite, que, junto com uma seção de cauda controlada, a torna semelhante às bombas guiadas JDAM. Novamente, suas dimensões permitem que ela seja colocada nos compartimentos internos de armamento de caças F-35, bem como bombardeiros estratégicos.

O *Izvestia* escreveu: *“Em geral, como resultado do programa de modernização, a Força Aérea dos EUA está implantando uma bomba nuclear virtualmente nova e de alta precisão. No total, está planejada a produção de pelo menos 400 unidades.”* Bem, isso é bastante, mas em 2023, os EUA lançaram um modelo ainda mais moderno no exterior, a B61-13, com uma potência maior da carga termonuclear – em um limite superior de até 360 kt.

“Essas bombas nucleares nunca foram colocadas na Europa antes... é uma modernização muito agressiva e perigosa que dá às bombas nucleares táticas novas propriedades”, de acordo com o Izvestia – ou seja, uma carga de grande poder que pode destruir uma pequena cidade com dezenas de milhares de vítimas; alta precisão; e capacidade de destruir mesmo ativos militares altamente protegidos.

No entanto, o anúncio da atualização do documento doutrinário por Putin vem no contexto imediato de discussões no Ocidente em torno da possível permissão de Washington para ataques profundos em território russo com armas de longo alcance.

Com certeza, a ressonância das revelações de Putin certamente será sentida em Washington em meio à divisão partidária já existente. O *Washington Post* [relatou](#) que quando o presidente Biden se encontrou com Zelensky na Casa Branca na quinta-feira, ele não atendeu ao pedido deste último de permissão para disparar mísseis de fabricação americana mais profundamente na Rússia. Em vez disso, ele anunciou a entrega de mais ajuda militar e novas capacidades de defesa aérea, *“enquanto rejeitava o apelo principal do país”*.

Basta dizer que a estratégia de escalada incremental perseguida pelos Estados Unidos (e Reino Unido) com base em experiências passadas de resposta silenciosa da Rússia se tornou obsoleta e está desmoronando. Curiosamente, a Alemanha e a Itália se opuseram abertamente a quaisquer ataques profundos em território russo com armas ocidentais.

Pelo contrário, a ofensiva russa em Donbass está apenas se intensificando. Na verdade, as forças russas acabaram de invadir a “cidade fortaleza” de Ugledar em Donetsk, supostamente inexpugnável, onde a 72ª Brigada Mecanizada de elite da Ucrânia está presa.

Também na região de Kursk, a poderosa 82ª Brigada de Assalto da Ucrânia, que liderou a incursão, agora está ameaçada de cerco. As forças russas estão obtendo ganhos no campo de batalha em toda a linha de frente de 800 km.

A posição russa continua sendo que a guerra continuará até que os objetivos sejam cumpridos. Em 25 de setembro, o ministro das Relações Exteriores Sergey Lavrov disse à *Tass* em uma entrevista: *“A vitória é necessária [na guerra]. Eles [Ocidente] não entendem nenhuma outra língua. Esta vitória será nossa, não temos dúvidas. Nós nos tornamos verdadeiramente unidos diante da guerra que o Ocidente desencadeou contra nós.”*

Tudo isso tornou o [encontro entre o presidente Zelensky e Donald Trump](#) bastante interessante. Empresário por excelência, a propensão de Trump sempre será sobre o que há para os EUA em um acordo com a Ucrânia. A Ucrânia tem recursos no valor de trilhões de dólares ainda a serem explorados, que são de interesse vital para as estratégias America First e MAGA de Trump.

Com Zelensky ao lado, Trump declarou abertamente um *“ótimo relacionamento”* com ele e deu crédito a este último pela primeira vez por ajudá-lo a vencer seu julgamento de *impeachment* no final de 2019. *“Ele [Zelensky] era como uma peça*

de aço... Eu me lembro disso, ele poderia ter sido bonitinho e não foi, e eu aprecio isso”, lembrou Trump.

Em outro lugar, Trump acrescentou: *“espero que tenhamos uma boa vitória, porque se o outro lado [Rússia] vencer, não acho que vocês terão vitória com nada – para ser honesto com vocês. Vamos nos sentar e discutir isso...”*

A Rússia dá importância ao interesse de Trump em um acordo com a Ucrânia. [Vladimir Medinsky](#), ex-ministro da Cultura e assessor de Putin, que liderou a delegação russa para negociar os termos de paz com o governo ucraniano em Istambul entre 29 de março e 1º de abril de 2022 – e também rubricou o rascunho do acordo – mas desde então desapareceu de vista, recentemente reapareceu publicamente no Kremlin durante a visita do primeiro-ministro húngaro Viktor Orban a Moscou no início de julho.

No [comunicado do Kremlin](#) sobre as negociações Putin-Orban em 5 de julho, Medinsky foi listado como assessor presidencial. Orban veio [trazendo notícias de Trump](#) sobre uma via de paz para acabar com o conflito na Ucrânia.

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
